



### A CIDADE MARTYR

O estado actual da rua Eugénia de Rbeims.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado  
acresce o importe das despesas

*Extrangeiro* — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 254

Braga, 11 de Maio de 1918

Anno V



# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incursu em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os membros revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

José Agostinho

## MEZ DE MARIA

Approvado e recommendado pelos Ex.<sup>mos</sup> Rev.<sup>mos</sup>  
Snrs. D. Antonio, Bispo do Porto; D. Antonio,  
Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Bispo de Vi-  
zeu; D. Manuel, Arcebispo Bispo da Guarda.

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1 bello volume de 380 paginas,  
nitidamente impresso, 600 réis.

**COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA**  
PORTO

Pedido aos depositarios geraes: *Livraria Magalhães & Moniz*, 11, Largo dos Loyos, 14. *Livraria Lopes & C.<sup>a</sup>*, 123, Rua do Almada.

Peçam o nosso Catalogo d'Obras Religiosas.

## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

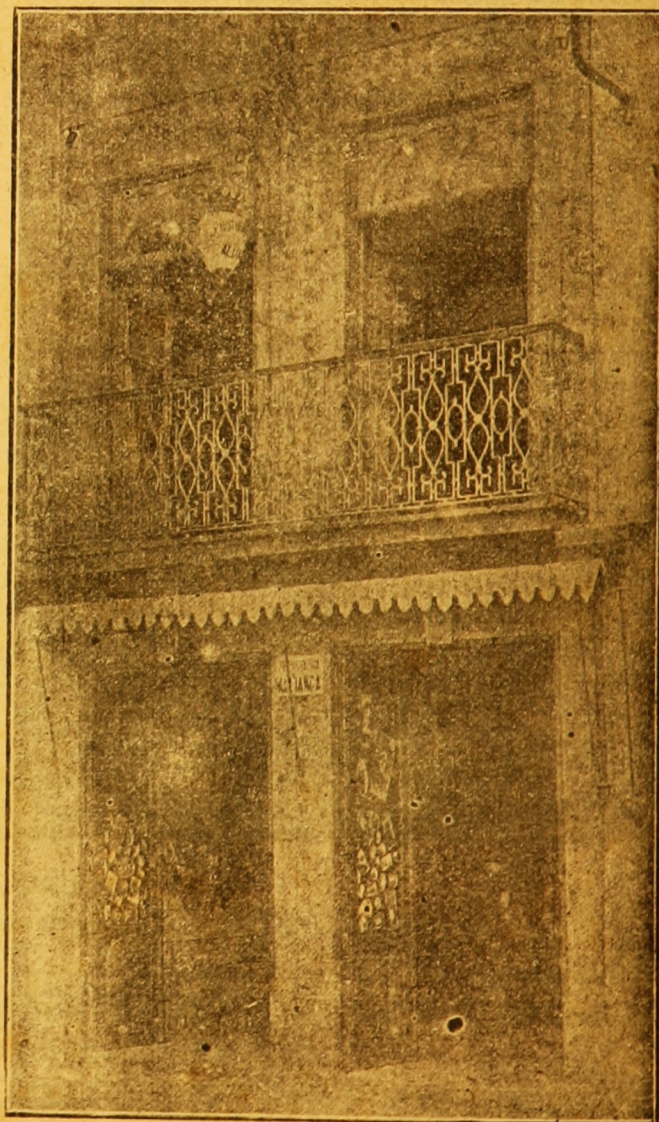
**BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44, Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Parreira Villela. Director, Dr. R. da Souza Gomes Velloz

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de Maio de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 254—Anno V



GUARDADORA DE PATOS

Esculptura de Costa Mota (Sobrinho)



# CRHONICA DA SEMANA

De relance



O pé do seu bercinho, por acaso abri  
e reli o verso do poeta querido que é  
Correia d'Oliveira:

Eram dois... Mas vae um dia  
Foi por alli a Alegria,  
Que passa de quando em vez,

Parou, entrou... Não sei bem!  
Ouviu-se a palavra:—Mãe!—  
Eram dois; ficaram trez.

■ depois aquella falla da gaze do berço:

—\*Como a bruma, amanhecida  
Por esse horizonte fóra,  
Tambem eu vélo uma aurora,  
Tambem eu guardo uma vida!

Quase instinctivamente, com o ardor de quem  
procura a voz, já escripta, das aspirações do co-  
ração, vim a repousar o espirito n'aquellas dôces e  
profundas meditações dos *Caminhos*:

Caminho dos pequeninos,  
Eil'o vae, de abraço a abraço:  
Do regaço para o collo,  
Do collo para o regaço.

Eu disse á terra:—o teu seio  
Quando estremêce mais fundo?—  
—\*Quando um menino em seus passos,  
Começa a andar pelo mundo...\*

Fechei os livros... N'esta manhã de sol,  
Deus acariciou a sua pequenina fronte. E' *anjinho*  
como o povo diz. E o nosso coração repousa n'es-  
ta certeza consoladora de christãos, a quem a voz  
d'elle, em titubeios, tem o poder da luz que jorra  
sobre as almas, do luar que tonalisa e emballa  
a fluidez dos sonhos santos do cruzeiro abençoan-  
do os lares aninhados em redor o poder de encher  
só por si a casa inteira em que nasceu, para a ale-  
gria e para a paz.

Com Deus vá,—como dizem os pescadores da  
minha terra á partida dos barcos para o mar e que  
o meu benévolo leitor perdõe o desafôgo de um  
coração, elle que n'este lugar tem intrevisto san-  
tos outros!

...Mas agora hesito eu em religar esta aber-  
tura da *chronica* ao prozaico desenrolar da vida  
que me cerca, e na qual quiz a minha attitude de  
soldado da causa de Deus que eu fosse dentro em  
pouco, a par de pae de familia, um *pae da patria*!  
Não descerei á ridicularia de contar o que em mim  
é simultaneamente receio e vontade de ir defron-  
tar, como todas as pobres armas que possuo, em  
novos bastiões, o inimigo—esse inimigo bifronte  
ora de arrancos de tigre, ora de colleamentos de  
cobra, incantamente agasalhada por muitos. Não  
desconfessarei porém, que profundamente me  
pungem as reflexões que os acontecimentos es-  
tão suscitando. E' consolador sem duvida, este es-  
pectaculo de um clero que se rebella contra os  
seus dominadores de 90 annos de regalismo, ati-  
rando para fóra do pescoço a canga caciquista, re-  
solvido alfim a tratar de si tratando da liberdade  
da Igreja e das populações que pastoreia. Fixe-se  
bem no esperito que isto é *verdadeiramente novo*  
em Portugal. Desde o nuncio Jacobini quantos es-  
forços e tentativas para organizar os catholicos e  
fazer assentar no parlamento representantes seus!

E nenhum d'elles, cuja maior parte foram feitos  
sob a realza, teve a coroá-l'o uma representação  
parlamentar como a actual, conquistada por es-  
forço proprio, a despeito de *chapeladas* e outras  
tricas eleicoeirias usadas contra os catholicos por  
inimigos da direita e da esquerda.

O cacique já estremêce. Chama elle ao Centro  
uma *grêve de padres* e esta designação fácilmente  
se comprehende desde que se recorde que a b se,  
a escóra do cacique tem sido o abbade da frégue-  
sia, esquecido do cargo que frue, da batina e da  
volta que veste, da missão superior de que está  
investido. O cacique estremêce. Lógicamente, o  
cacique guerreia o Centro. E' o seu *peor inimigo*.  
Por isso penso e tenbo affirmado que a primeira  
consequencia da extensa propaganda do Centro  
será, depois da reconquista das liberdades reigio-  
sas, uma depuração dos costumes publicos. Rom-  
pendo e quebrando o velho equilibrio rutinario  
em que elles viviam, a *grêve dos padres* será a  
grêve da honra politica portugueza contra a ver-  
gonhosa tranquibernia dos grupos e dos bandos.

Foi este o aspecto confortante da ultima luta  
eleitoral. Mas infelizmente elle não conseguiu ain-  
da afugentar os temores que um outro nos provó-  
ca. Resalta elle do contraste entre as multidões que  
saúdaram Sidonio Paes quando percorreu o paiz  
apoz o seu triumpho e a massa do eleitorado que  
lhe deu o voto. Representou el a uma grande mai-  
oria n'um paiz de abstencionismos inventerados,  
bem sei; mas traduz de igual forma a falta de energia  
civica que transforma nas afirmações praticas e  
decisivas da politica as aclamações das turbas.  
Em outro paiz de civismo mais acendrado as urnas  
teriam recebido em 28 d'abril o voto em pezo de  
uma população inteira... Quando as gazetas iam  
afalando ao eleitorado, que a obstenção era um  
crime, ellas tinham o justificado medo de que o  
conselho ficasse desattento. Era com isto que de-  
certo contavam os partidos republicanos retrahidos  
das urnas—esquecidos de que a abstenção monar-  
chica de sete annos não déra outro resultado do  
que uma maior estagnação da consciencia publica,  
charco onde vieram patinhar as desarvoadas am-  
bições dos quadrilheiros, e refartar-se a voracidade  
dos apaniguados pobretairas hoje ascendidos a  
apressadas riquezas. Ah! meus amigos que a his-  
toria é na verdade o *perpetuel recommencement*!  
Leiam-me esta descripção da sociedade endinhei-  
rada que Napoleão teve de varrer no consulado:

«... Entre os *parvenus* da espéculação e dos  
fornecimentos, é sempre a enorme labarêda de lu-  
xo; um luxo apressado, precario, demasiado novo;  
um deboche de doirados, uma decoração no ulti-  
mo e-tylo; uma profusão de bronzes, marmores  
alabastros tripè, urnas, estatuas; todo o *pastiche*  
greco-romano. A' sua mēsa, conversação rasteja,  
anulla-se; o gosto pelas coisas do espirito foi subs-  
tituido pela paixão do gôso, no sentido mais brut-  
tal de termo, de comer e empanturrar-se. Parêce  
que em Paris as salas de jantar substituiram os  
salões... A gente que amosenda nos novos ricos é  
mais uma multidão que uma sociedade. Como nos  
bailes de fóra de barreiras, é uma turba, affectando  
agora maneiras, pretendendo o alto, que se faz  
contra-revolucionaria por vaidade... E os verda-  
deiros nobres que voltam do exilio, os emigrados  
que recutram, tomam n'essa gente a sua propria  
caricatura».



E' perfeito ou não, o retrato?

Hontem um joalheiro dizia-me: — Fallou-se por ahi no collar de nove contos. E todavia eu já vendi desde janeiro seis de doze!... E fica-me o barato nas estantes. Porque se o povo tem hoje o horror ao caro, essa gentinha da maré nova tem positivamente o delirio do horror á barateza...

O joalheiro era meio-psychólogo. A faiscação das pedrarias devassa-lhe ante os olhos, como a fulguração do radio, as entranhas dos freguezes.

E o certo é que estamos ha dias sem carne e sem batatas. O povo roga pragas, ao saber que os rigores das auctoridades resválam sobre a coiraça dos açambarcadores.

—Não ha remedio... dizia-me ha dias *Spada*.

—Ha. Mordedura de cão, cura-se com pello

do mesmo cão; o melhor guarda de quinta é o gatuno. Ponham lá a mandar n'isto, um grande commerciante, honesto e sabedor, q ue compre e venda bem, figurando o Estado de arm azenista que tem de dár os generos o mais barato ao publico...

—Tambem, é essa a derradeira experiencia n'um paiz onde o sapateiro toca rabecão.

E quando depois fallamos das dificuldades e fadigas que devem causar aos dirigentes honestos a direção d'esta barcaça e contei de um que está morto por ir para as camaras a fim de descansar, *Spada*, rindo, recordou:

—Homem! então é como um pobre que aqui houve, que de tempos a tempos andava morto por sêr prêso para se remendar!

F. V.

## NA PONTE D'ANHEL

Lavadeira dos olhos sombrios,  
Lavadeira da Ponte d'Anhel,  
Como tu, n'estes dias tão frios,  
Pões a roupa da côr do papel,  
Ou das velas d'aquelles navios  
Que tinham quartel  
Nas boccas dos rios!

Como tu tantas nódoas branqueias  
E não limpas—tão negro!—esse olhar  
Que, se a muitos dão doces ideias,  
Me faz medo e vontade a chorar!  
Como tu, que desdenhas das feias  
Porque és modelar,  
Horror só ateias!

Como és linda e, afinal, tão hedionda  
N'esse olhar, n'esse gesto que observo!  
Como és alta, gentil e redonda,  
Mas com manchas de tigre soberbo,  
Mas com curvas, traições, como a onda  
Que o fel mais acerbo  
Nos rolos esconda!

Nada dizes. Curvada no açude,  
Tu nem cantas nem fallas á roupa:  
Impassivel d'orgulho e saude,  
Teu olhar apunhela, é uma choupa,  
Uma setta, uma lança bem rude,  
Que mata e não poupa  
Talvez a virtude.

Mas, se a Dor é que faz, da Belleza,  
Esse gelo que choca e repelle,  
Põe a prece a amparar a tristeza,  
Lavadeira da Ponte d'Anhel...  
Assim fria, assim torva, és a preza  
Do mais negro fel,  
Do fel que não reza.

Não odeies a gente que passa  
Sem ter culpa no mal de ninguém,  
E, se a guerra o teu noivo ameaça,  
Se elle soffre na França, vê bem  
Que, por grande que seja a desgraça,  
Na Dor é que vem  
De Jesus a Graça.

Não te pejes das lagrimas, ora!  
E essas nódoas de negra paixão  
Hão-de dar-te reflexos de aurora,  
Cada nódoa um piedoso clarão.  
Não contendas a Dor, que devora  
Todo o coração,  
Se a alma não chora.

Tu bem vês como a agua allivia  
E branqueia essa roupa que bates...  
Pois a lagrima lava a agonia.  
Faz immensos, constantes, resgates,  
Até muda a maior nostalgia,  
Angustias, combates,  
Em fé, energia.

Se o teu noivo morrer a lutar,  
Seja o pranto sem odio ou maldade...  
Reza e chora com pura saudade  
Que converta essa alma em altar.  
Nunca deixes de ter caridade,  
De perdoar, de amar,  
Com sinceridade.

Lavadeira dos olhos sombrios,  
Lavadeira da Ponte d'Anhel,  
Antes sejam teus olhos dois rios  
Que punhaes embebidos em fel,  
Venenosos, sinistros e frios,  
Da côr do papel,  
E, afinal, sombrios.

Ail serás bem gentil penitente,  
A rezar e a chorar com ternura,  
Se o que fazes ahi na torrente  
A' roupinha de côr mais escura,  
O fizeres á alma gemente,  
Mas hoje tão dura,  
Que faz medo á gente.

José Agostinho.



# SERÕES AMENOS

XXXIII

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
BORESSO DA FALPERRA.

**E**M principios do seculo XVIII vivia não sei onde um P.<sup>o</sup> Caetano da Rocha Coelho, natural da cidade de Lamego, amigo das bellas-letras e um tudsonada brégeiro. Uma e outra coisa ficou attestada no livro manuserito que em 1723 compilou, e que tenho presente por obsequio do seu dono, o meu veneravel vizinho e amigo dr. Arthur Lessa de Carvalho. Chama-se o livro: MIMO DE CURIOSOS, *colhido do ameno jardim da Poesia*. E' um album em que P.<sup>o</sup> Caetano da Rocha Coelho guardava as flores de seu agrado, que ia colhendo no ameno jardim da Poesia. Ha ali de tudo: desde as poesias mysticas até ás de mais desbragada obscenidade, que só pode surprehender a quem não tiver manuseado os livros dos litteratos da Renascença, que o não foi só... das letras pagãs. Uma edição que possuo das obras de Angelo Policiano (ediç. de Lyão, 1533) no 3.<sup>o</sup> vol. tem, por exemplo, uma das mais porcas paginas que se tem escrito em bom latim, seguida de Hymnos maviosissimos á Virgem Santissima:

O Virgo prudentissima,  
Quam coelo missus Gabriel  
Supremi regis nuntius  
Plenam testatur gratia

Reavistemo-nos com P.<sup>o</sup> Caetano, que ha quasi dois seculos compilava o seu album de amenidades, onde iremos colhendo algumas para estes serões amenos.

O grosso volume devia conter 558 paginas (numeradas só as direitas, de 1 até 279) mas faltam infelizmente as que iam de 199 até ao fim. Contra o annuncio no frontispicio, ha ali tambem flôres colhidas no ameno jardim de Prosa. Começaremos até por esta, pondo em confronto uma serie de conselhos jocoserios dados no seculo XVIII, com outros dados no seculo XIX. E se sobrar pachorra, confrontaremos uns e outros, com os de Isocrates, velhinhos de bons vinte e três seculos...

No *Mimo de curiosos* de P.<sup>o</sup> Coelho, pag. 190, lê-se esta peça em que modernizamos a orthographia:

*Initium sapientiae est timor Domini, etc.*

Advertencias e documentos que deu um Tio a um  
sobrinho a quem muito amava

I.—Sobrinho, já que occupais o lugar de filho não quero faltar ás obrigações de pae. Não é de despesa que espero me agradeçais, mas a eriação e instrucção que aqui vos dou. Os bens não

são muitos; porém melhor herança é a perfeição que o cabedal, porque o saber ser homem domina a fortuna e o ser rico sujeita-se a ella.

2.—Supponde que sahis a governar-vos e que entraís nas confusões do mundo, sem saber por onde vos encaminha este papel.

3.—Primeiramente não converseis nem acompanheis com pessoa tão inferior a vós que deis nota; porque a companhia informa a amizade e esta é entre eguaes; nem tão superior que cuide que vos honra ou se enfenda que vos quereis honrar.

4.—Não moreis junto á fonte por ser o centro da murmuração, registo das vidas alheias, passa tempo dos ociosos e imprensa de testemunhos, cama de mentiras, oculo de ver ao longe os merecimentos e de perto as faltas, argumento dos Paes, certeza dos avós, balança do que gastaes, inquiridor donde o haveis, o que fazeis, o que sois, o que ha de ser de vós.

5.—Se podédes não casar é grande favor do ceu; porque ainda que o ser martyr é grande merecimento, consta, que muitos enfraqueceram á vista do martyrio sendo momentaneo—e os momentos d'este são eternidades, remedio de seus males o mal maior. Allega Jacob por merecimentos servir quatorze annos a Rachel, formosa e modesta; e vós haveis de soffrer quatorze quatorzadas a uma voluntaria e descomposta, em cuja conquista ou haveis de perder a honra soffrido, ou a vida brioso; porque no descuido se perde ella, no cuidado vos perdeis vós; se a estimaes, damna-se, se a desprezaes, vinga-se.

6.—Mas quando seja vossa sorte casar por nenhum modo seja com mulher que esteja ou estivesse em Recolhimento ou Mosteiro; porque mais vale ensiná-la, que ella ensinar a vós; que em elle tem o nome de Recollida, em sua casa o Recolhimento. As razões desta razão "é melhor esquece-las que falá-las e é inferno na terra experimentá-las..."

Eu sou tentado pelas notas como o diabo pelas almas. Aqui, não resisto a uma breve nota.

Allude discretamente o tio às mundanidades que por aquelles tempos invadiram as cellas das freiras como as que descreveu e verberou o piedoso Padre Manuel Bernardes. Aos que como o sr. Julio Dantas, se comprazem a descrever e avolumar a corrupção dos conventos nos seculos XVI e XVII, enquanto não arranjo obra mais seria, que restabeleça a verdade nas suas proporções e averigue as responsabilidades d'esta triste degenerescencia, lembrarei, de passagem, que naquelle tempo parece que a corrupção, que verminava fóra, invadiu os conventos: mas agora parece ter-se concentrado, destruidos os conventos, nos salões. Notava Bernardes que no seu tempo cheiravam os homens a mulheres. Se o bom oratorio entrasse agora, a cheirar, pelos salões donde desapareceu de todo a fé, mulheres e homens, apesar de todos os succedaneos caros do alecrim com que se perfumavam até aristocratas como o cavalheiro d'Oliveira, pedia uma fina de qualquer essencia Pivet ou Colgate para morrer desinfectado...

Ah! que vingados estão os "corruptos" frades e as "corruptas" freiras do seculo XVIII, com a "pureza" de corpo e alma que ahi vae!...



# Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Augusto Rosa.

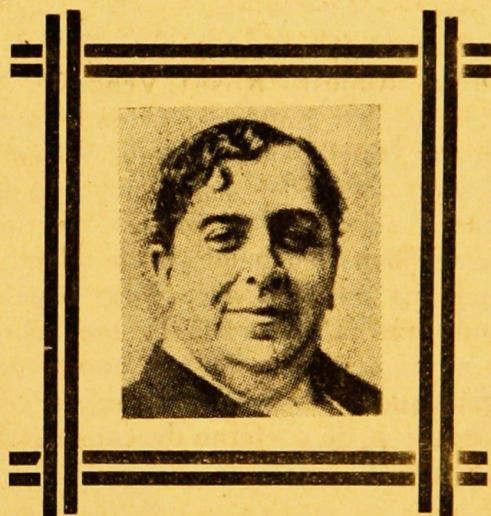
**P**ARA quem vive longe de tudo, na intimidade do seu canto, esquecido e esquecendo, onde mal chega o echo da vida e onde as alegrias e as desgraças abordam longinquas como esteriores magoados, não ha nada mais cruel do que a morte inesperada d'alguem, que se amou em todo o esplendor da sua gloria, que se venerou e quiz, na intimidade da sua alma admiravel e boa. E experimenta-se então, n'uma dôr funda que trespassa o coração sacudido, uma magua que confrange e uma branda saudade que commove, e á noite, no refugio da nossa meza de trabalho, entre os nossos livros e as nossas recordações, que fallam alto e commovidas d'esse passado, magnifico ou angustioso em que esse alguem teve o seu quinhão de prazer ou de dôr, perante os nossos olhos desenrola-se como no *film* corredio d'um *cine*, o turbilhão das nossas saudades, das nossas vivas lembranças do que fomos afinal e mesmo, sem querer, embora a indiferença do tempo tenha lançado, já, a sua nuvem d'esquecimento, as lagrimas saltam e a alma chora, chora commovida, por esse alguem.

Mã sina a de quem vae a meia encosta da vida e se relancea os olhos para traz, sô lobriga cruces não de calvarios percorridos, mas cruces de cemiterio, divisas religiosas de campas, onde dormem já o derradeiro somno, quer, amigos, companheiros, esperanças e illusões! .. Mã sina!

Augusta Rosa que agora desaparece em plena fulguração do seu grande talento, artista admiravel, d'uma raça nobilissima de genios, foi alguem no nosso passado, e o seu nome querido, marca mesmo, uma *étape* feliz na nossa vida litteraria. Foi elle quem sollicito e alvoroçado, abrindo os braços ao rapazelho ousado que vinha lutar, marcou, ensaiou, valorizou enfim, com o seu carinho d'amigo e com a sua proficiencia de mestre, a minha primeira peça de theatro.

Ergue-se por isso para mim todo esse passado alegre e fugido que lá vae longinquo esboroar-se na bruma inexoravel do tempo e ante os meus olhos, onde as lagrimas borbulham sentidas, erguem se tambem outros tantos, que já foram, e faziam às noites

a conversa amavel do seu camarim. Quantos, quantos!? Parece-me vêr, parece-me vêr, o seu camarim do D. Amelia... Lá estão todos, chalrando, rindo como creanças grandes. E' a figura de Garrido, baixo, gordote, uma *lavalliere* que as choças ainda não tinham aviltado, o olhar miudo, vivo, um pé no Chiado, um pé no *boulevard*, sempre triste, (elle que fazia rir todo o mundo), mas mordendo as palavras d'uma graça subtil; João da Camara, grande poeta e grande fidalgo, timido como uma creança, uma sobrecasaca estreita apertando-lhe o a caboi-



ço, o olhar d'uma doçura commovida, escorrendo por cima das lunetas, as mãos amarrotando o chapéu; o pobre Antonio Manuel, com a sua capa, bamboleando se como uma andaluza; Eça Leal com o seu cigarrinho e a sua inseperavel *pecinha*; Bordallo, o meu querido Raphael Bordallo, com a sua casaca, a sua verve e a sua bronquite, o desventurado S. Luiz Braga mascando o seu inseparavel *upman*; ... João Rosa, o grande artista, ou algumas vezes a voz cantante, sempre fresca de mocidade e de ternura de Rosa Damasceno que vinha lembrar uma chamada, frizar um detalhe de scena, que a conversa quantas vezes fazia esquecer!

E só de mortos fallei! ... Mortos queridos como as cinzas das minhas illusões, das minhas esperanças, que morreram no seu outomno de desgraça!!



Só por isto a personalidade de Augusto Rosa marcaria na minha saudade, se a sua falta insubstituível no theatro portuguez, me não fizesse deplorar sentidamente, o vacuo profundo que se abre, como um precepicio, na arte nacional. Actor de grandes recursos, com uma mascara d'uma mobilidade extraordinaria, tão complexa e tão perfeita, que foi objecto d'um trabalho de psychologia-clinica, d'um medico illustre, homem de sociedade, culto e assimilador, conhecendo a vida em todos os seus aspectos e detalhes, ninguém como elle imprimia mais verdade, mais colorido, á personagem em que se encarnava, galhardo e quixotesco, trespassando *panache* a capa goliarda de Bazan, simples e magnifico no mundano *Septmonts*. Fez o *desquite* com delicadeza, com finura e teve epopeia, galhardia, no Conde d'Abranches do *Regente*. Cada trabalho seu é uma criação inconfundivel porque em todas as suas personagens elle soube imprimir sempre, sem desequilibrio da contextura moral da figura, uma nota pessoalissima, que muitos apontavam como defeito e que, sendo o sello do genio, constituia a sua melhor qualidade.

Pobre Augusto Rosa! Venceste, triumphaste e tiveste ainda a felicidade suprema de morrer triumphando, porque foi em plena fulguração de talento que a morte te foi arrebatara á scena onde brilhaste inconfundivelmente. Deus, enchendo-te de talento, deu-te ainda na morte o derradeiro beneficio—evitando que a velhice te fizesse retirar... E só os homens de theatro comprehendem o significado amargo d'esta palavra cruel... Que agora te dê o eterno descanso, meu querido amigo!...



Augusto Rosa no *Napoleão* da *Madame de S. Gêne*.

A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus Ex.<sup>mas</sup> assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias destes herois as suas fotografias para aqui serem publicadas n'uma pagina a isso só destinada.

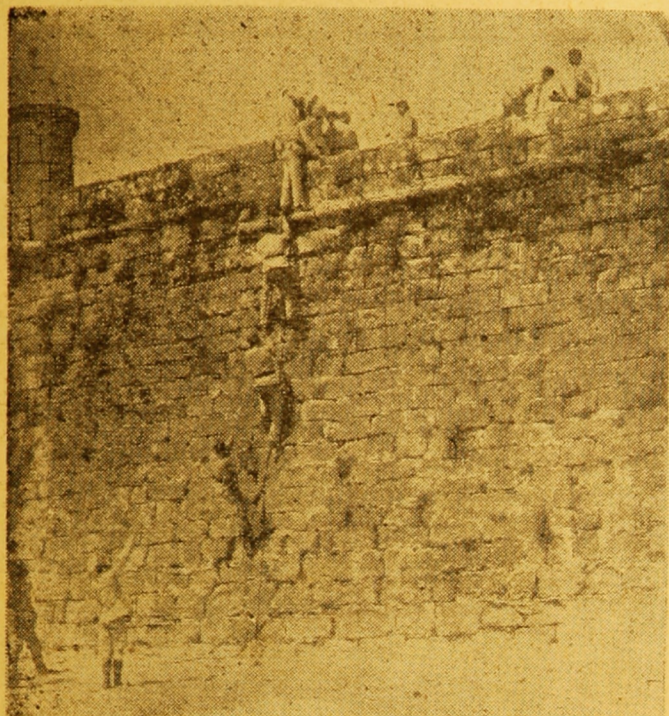
Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

## AO LEITOR

Depois de lido enviar este jornal á *Junta Patriótica do Norte* (Paços do Concelho —Porto) a fim de esta o mandar para os nossos soldados do «front».



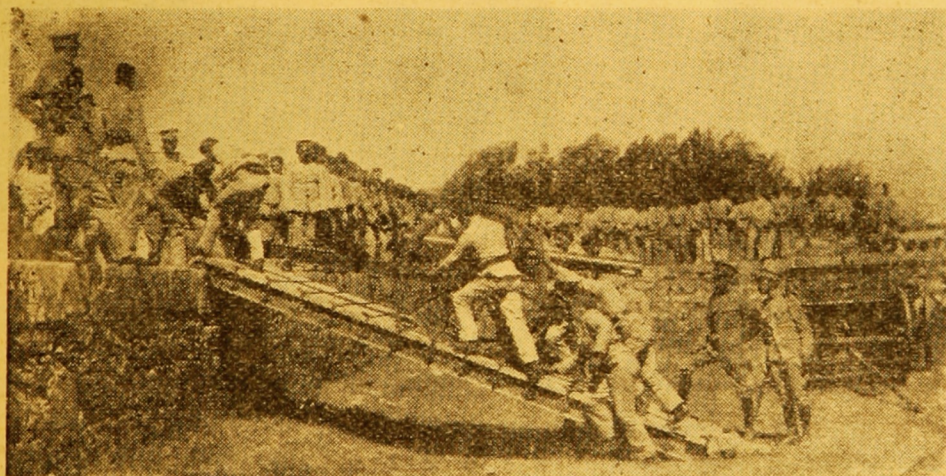
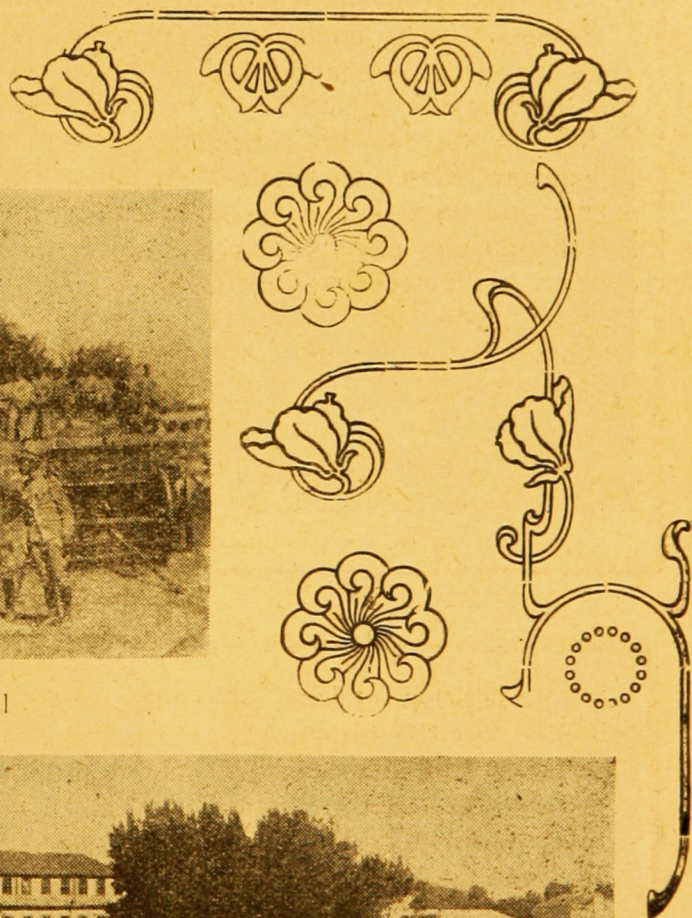
# Exercícios de artilharia 5



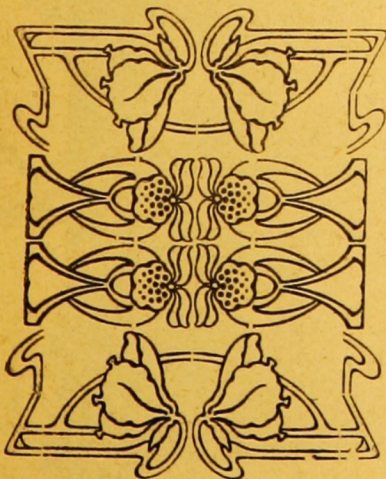
Instrucção de gymnastica às praças d'artilharia 5 de Vianna do Castello



O snr. alferes Pacheco na sua Alcalá fazendo o salto de tres varas no campo de obstaculos de artilharia 5



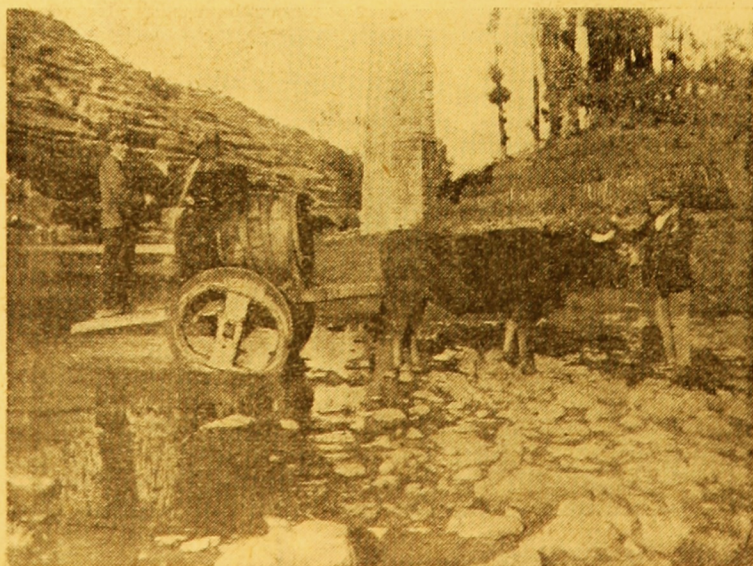
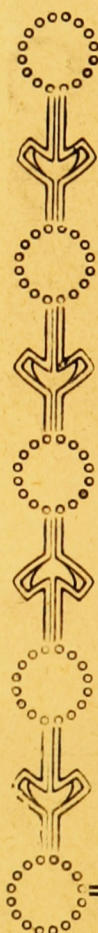
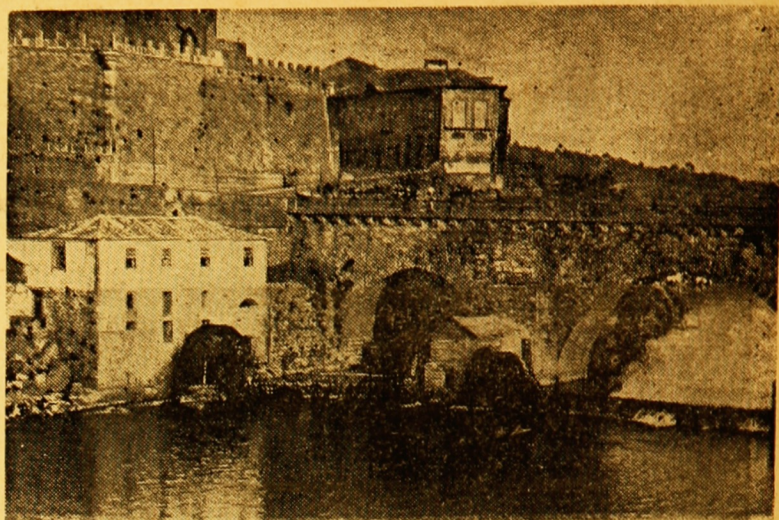
A instrucção preliminar do embarque de material



A instrucção de bivaque



# Arte photographica



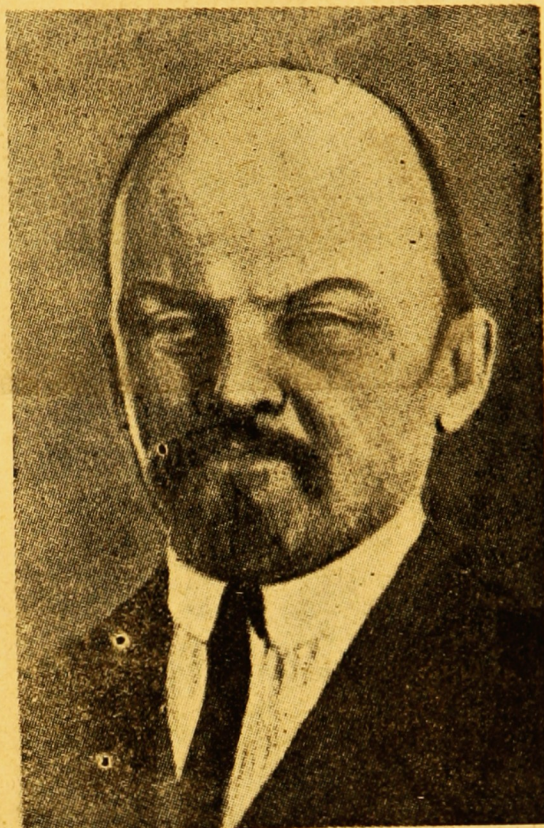
- 1—Ponte sobre o rio Affife, junto ao convento de Cabanas na freguezia de Affife.  
Phot. Tancredo Dias Vianna.
- 2—REGUA. Transportando agua do Corgo.  
Phot. Miguel Monteiro.
- 3—Ponte sobre o rio Cavado em Barcellos.  
Phot. Tancredo Dias Vianna.
- 4—REGUA. A pequena pastora.  
Phot. Antonio Teixeira.



# Guerra Europeia



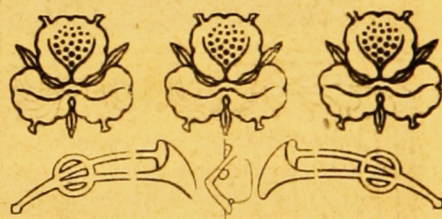
Soleiman Bajá Rifada, chefe da tribo Billi, aos serviços dos Turcos, morto pelas forças arabs do rei Kedgaz



Lenine  
celebre agitador russo



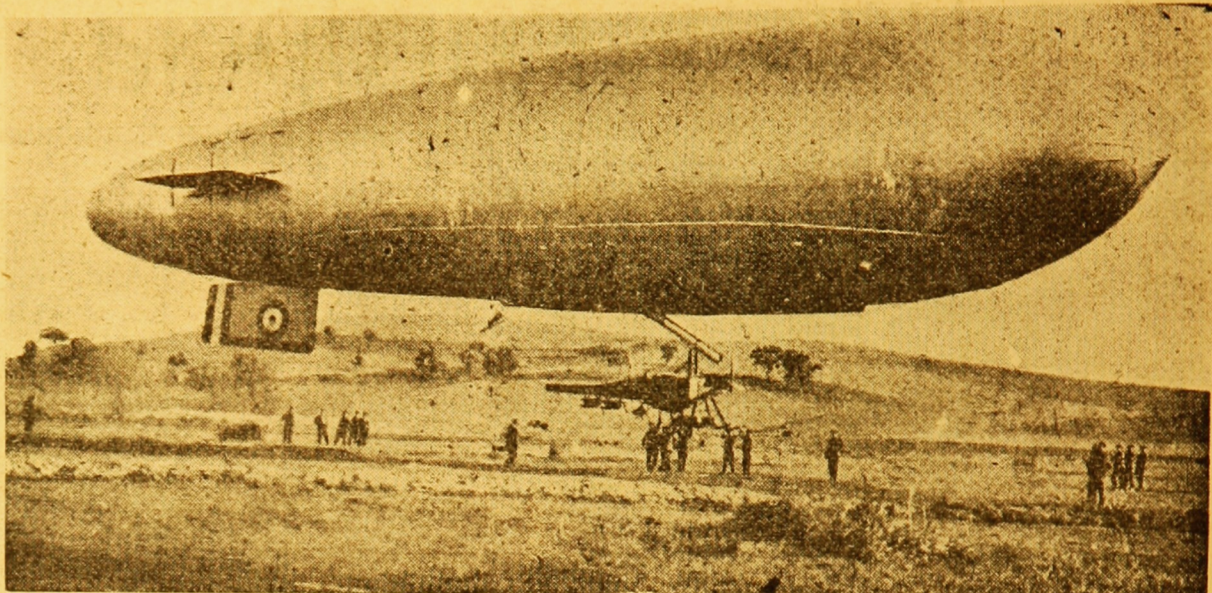
O príncipe de Parma examinando dum automovel o bombardeamento duma aldeia italiana



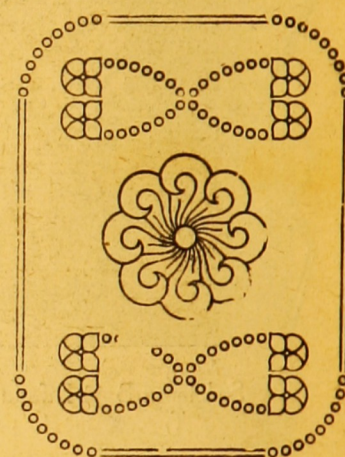
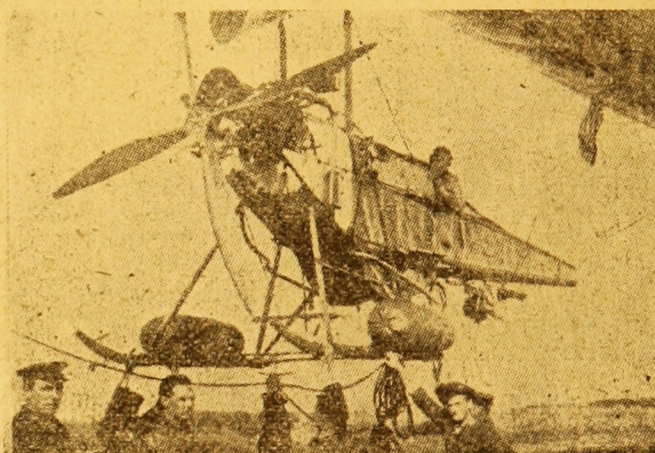
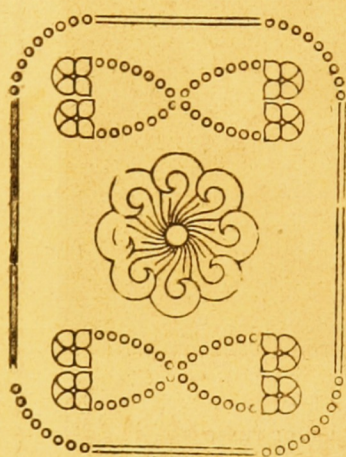
O príncipe Ruprecht da Baviera cujas tropas atacam as linhas de Amiens e o sector português







Os novos dirigíveis ingleses



A barquinha e propulsor dum novo dirigível



A cavalaria indiana que opera em França



# Palestra de arte

III

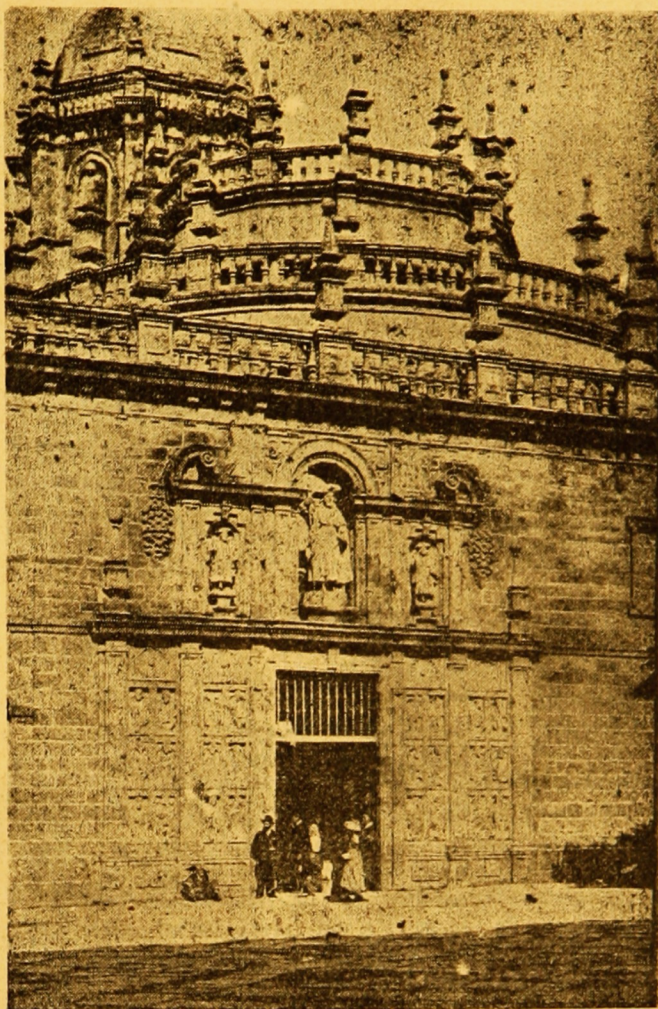
Uma excursão artística a Santiago de Compostella.



ORNES. Estação terminus para Santiago. Desembarquemos. A chuva continua, o caminho que leva á cidade está transformado num verdadeiro lamaçal. Por entre a bruma avistam-se as torres das igrejas, e sobre-



Fachada principal da Basilica compostellana.



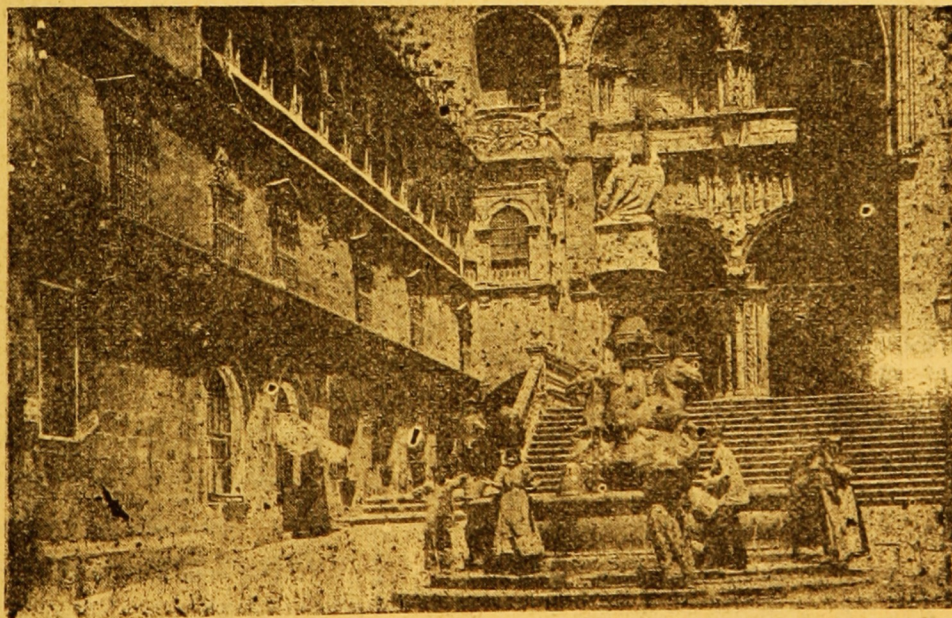
Porta Santa da Basilica compostellana.

tudo a magestosa cupula da Basilica do Santo. Não sei porque, sempre preferi um tempo chuvoso para visitar monumentos antigos. Parece que a luz esbatida faz resaltar melhor a vetustez dos muros, parece que a chuva avivando as cores das pedras e musgos faz sobressahir os relevos que as adornam, parece até que ella obrigando-nos a recolher para dentro do edificio, inspira na alma aquella sensação de protecção que edificios assim deviam inspirar na idade media.

Deixadas as poucas bagagens no hotel, vamos descobrir o caminho até á Cathedral. Recusemos guias, para não perder o prazer que se sente em achar por nós mesmos caminhos e coisas novas.

Estamos na praça da Imaculada. Em vez de entrar na Igreja demos a volta em torno della para fazer idea das suas dimensões e aspecto exterior. A frontaria principal é moderna, estilo barocco, florido. Felizmente não foi demolida a fachada antiga, mas simplesmente encerrada na nova. As escadas da porta principal são dispostas

de modo que permittam ver bem as procissões. A porta da praça das Platerias, a da praça dos Literarios, a Porta Santa dos Jubileus, todas ellas tem adornos e esculpturas antigas, aproveitadas quando foram refeitas



Porta lateral da Praça das Platerias (Basilica compostellana).



essas entradas... Vê-se logo que tudo, na construção do templo, obedeceu a torna-lo o mais com nodo possível para o movimento dos peregrinos. Por isso multipli-

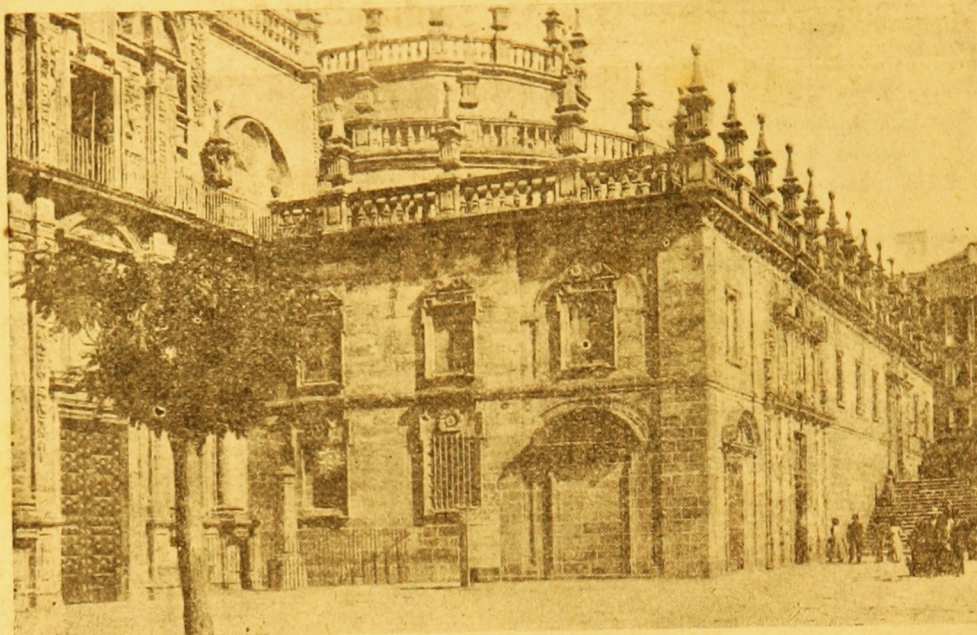
em Compostella. Elegante é a capella dita da Communhão, circular, ricamente ornada de marmores.

Até 1734 conferiam-se nella os graus universitarios, depois do exame final que se fazia na capella das Reliquias. Original é também a dedicada ao Santo Christo de Burgos, em forma de cruz grega.

Na outra nave está a capella de S. Fernando, a das Reliquias que voltaremos a visitar mais detidamente, a sacristia, e a fonte baptismal, bem como o lugar onde se sentam os penitencieiros da Catedral, com faculdades em tudo eguaes ás das grandes basilicas de Roma.

No muro do coro, fronteiro á porta da entrada está o altar da *Soledad* também de prata, também churrigueresco. Nos intervallos das varias capellas os confessionarios, tendo indicado por cima a lingua em que se pode fallar: *Pro lingua Italica*, *Pro lingua Hungarica*, etc. Também está ahí o *Pro lingua Lusitana*.

Voltemos agora de novo ao altar-mór para admirar as lamp-das riquissimas que pendem deante da imagem petrea do Apostolo, os estandartes historicos que se

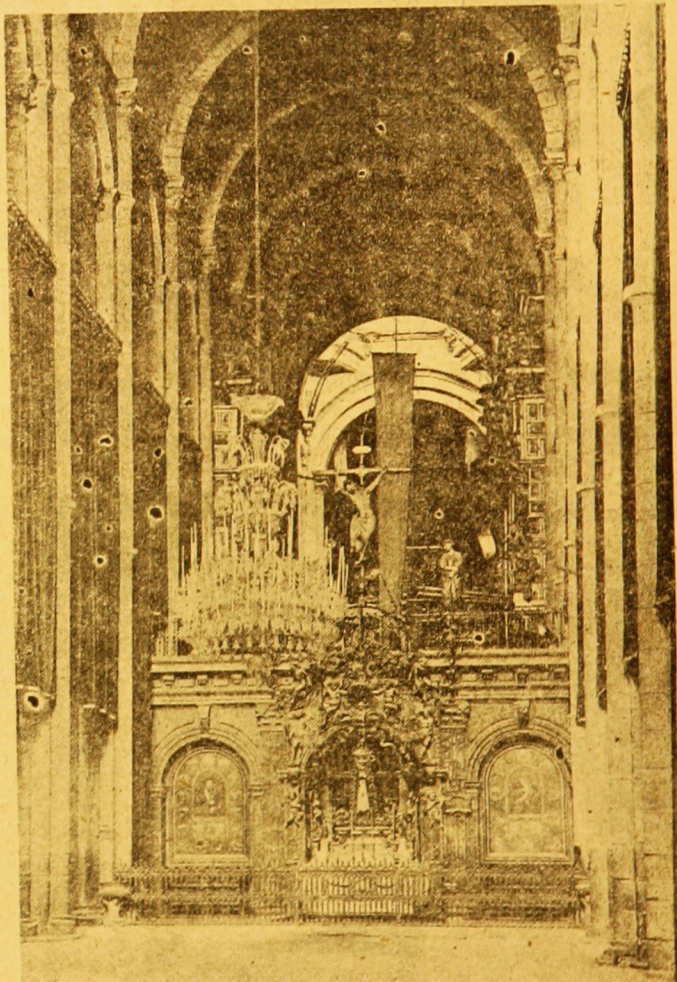


A Basilica vista da Praça dos Litterarios.

caram-se as portas, por isso dispoz-se deante dellas um amplo patamar, quasi uma praça, onde pudessem vir respirar, por isso se deu ao interno do edificio aquella disposição que se encontra mais frequentemente nos grandes sanctuarios de peregrinos. Entremos também nós e vamos antes de tudo prestar homenagem ao Patrono da Hespanha, ajoelhando humildemente nessas lages, que foram beijadas pelos devotos que de todas as partes do mundo affluam a Compostella. Lembremo-nos da nossa Rainha Santa Isabel, que veio a Santiago offercer orações e prendas; destas ainda hoje se conservam algumas e preciosas.

Depois, silenciosamente, recolhidamente, vamos percorrendo a Igreja. Começamos pela charola, que tornea o altar-mór. Toda ella está adornada de capellas, de fraco valor artistico, mas de preciosissimas recordações historicas. A capella de N. S. De Pilar, lembra-nos a piedosa lenda da apparição da Virgem a S. Tiago, em Saragoça. A imagem é uma reproducção da do Santuario Saragoçano. Admiremos o effeito do zimbório, das abobadas das absides, das pilastras que sustentam as abobadas das naves, as nervuras das ogivas lateraes, os triforios que se abrem sobre a nave central; tudo produz uma impressão de magestade, tudo falla de grandeza. A mente repoea essas naves, de milhares de peregrinos, ouve o susurro das multidões buliçosas, ouve os canticos, as preces, as invocações que se erguem deante do fumulo do Santo. A riqueza do altar-mór, artisticamente fallando lembra o que dizia Zeuxis: Não podendo fazer coisa bella, fizeste-la rica. Essa riqueza mostra também a exuberancia da devoção. Tudo parecia pouco a esses fervorosos christãos para mostrar praticamente, ao santo, o amor que sentiam. Porisso accumulavam riquezas, sem attender ao bom gosto, Figuera, auctor do retabulo do altar-mór, empregou mais de 500 kilos de prata para a chapear a sua extravagante obra.

O côro ergue-se no meio da nave central, costume friste que se introduziu nas catedraes hespanholas, concorrendo para quebrar a harmonia dos magestosos vasos architectonicos. Nas naves lateraes também se abrem capellas preciosas. A da corticela parece datar do X seculo. Tem adornos interessantissimos, nos portaes, com figuras esculpidas nos capiteis. Ella serve ainda hoje de parochia dos estrangeiros residentes



Interior da Basilica e do Altar da Soledade

veem degradados por cima das bancadas dos conegos, e a maquina estranha que serve para se pendurar o famoso Bola-Fumeiro, turibulo gigante, etc.

(Continua)

Agnus.



# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

*Esculptura em Madeira*

—E—

PINTURA

*Teixeira Fanzeres*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

Contra riscos de guerra terrestres  
e maritimos, grêves, e tumultos em mobílias  
e edificios particulares, segura a Companhia

*Luzo-Brazileira de Seguros*

## SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião

19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:

C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot-

to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoá

de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Gabriel Maia

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Ilustração Catholica» vende-se nesta casa,  
Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)



# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**